



Dalai Lama

"OS LUSIADAS"
E A
"ODE MARÍTIMA"

UMA CONVERSA DE
VITOR POMAR
COM A
IA

2025 01 02

Assentis RMR allgood.vitor@gmail.com



OM AH HUNG BENZA GURU PEMA
SIDDHI HUNG

VP:

Reflectindo sobre a falta de dimensão espiritual de
OS LUSÍADAS,
a obra épica de Luís Vaz de Camões :

1

Qual a importância da censura da Inquisição em Goa?

2

Qual poderia ter sido o espanto de LVC e de outros portugueses
em contacto com a omnipresente
espiritualidade da vida quotidiana na Índia?

3

Em vez de ser elogiado pelas autoridades da época,
LVC foi ignorado e desprezado e teve um triste fim de vida na pobreza.

4

Não posso deixar de comparar com a minha experiência
após os breves quatro meses da minha primeira visita à Índia:

Ao regressar a casa, fiquei chocado com o ambiente de baixo nível cultural, o que me levou a desenvolver o projeto de uma série de mantras que acabaram por ganhar forma em cerâmica portuguesa tradicional pintada.

CHATGPT :

As suas reflexões tocam em temas profundos de intercâmbio cultural, a supressão da espiritualidade e o poder transformador da imersão noutra cultura.

Deixe-me explorar os seus pontos:

1. CENSURA DA INQUISIÇÃO EM GOA

A Inquisição portuguesa, particularmente em Goa, foi uma força poderosa destinada a impor a ortodoxia católica e a suprimir práticas consideradas heréticas ou pagãs.

Visava não só hindus e muçulmanos, mas também cristãos acusados de misturar costumes locais com ritos cristãos.

Neste contexto, é plausível que Luís Vaz de Camões, vivendo num tal ambiente, tenha sido impedido de exprimir ou integrar a riqueza espiritual da Índia em OS LUSÍADAS.

A sua obra teve de se conformar com os valores católicos sancionados pela Coroa e pela Igreja, limitando a sua capacidade de aprofundar as dimensões espirituais que poderia ter encontrado na Índia.

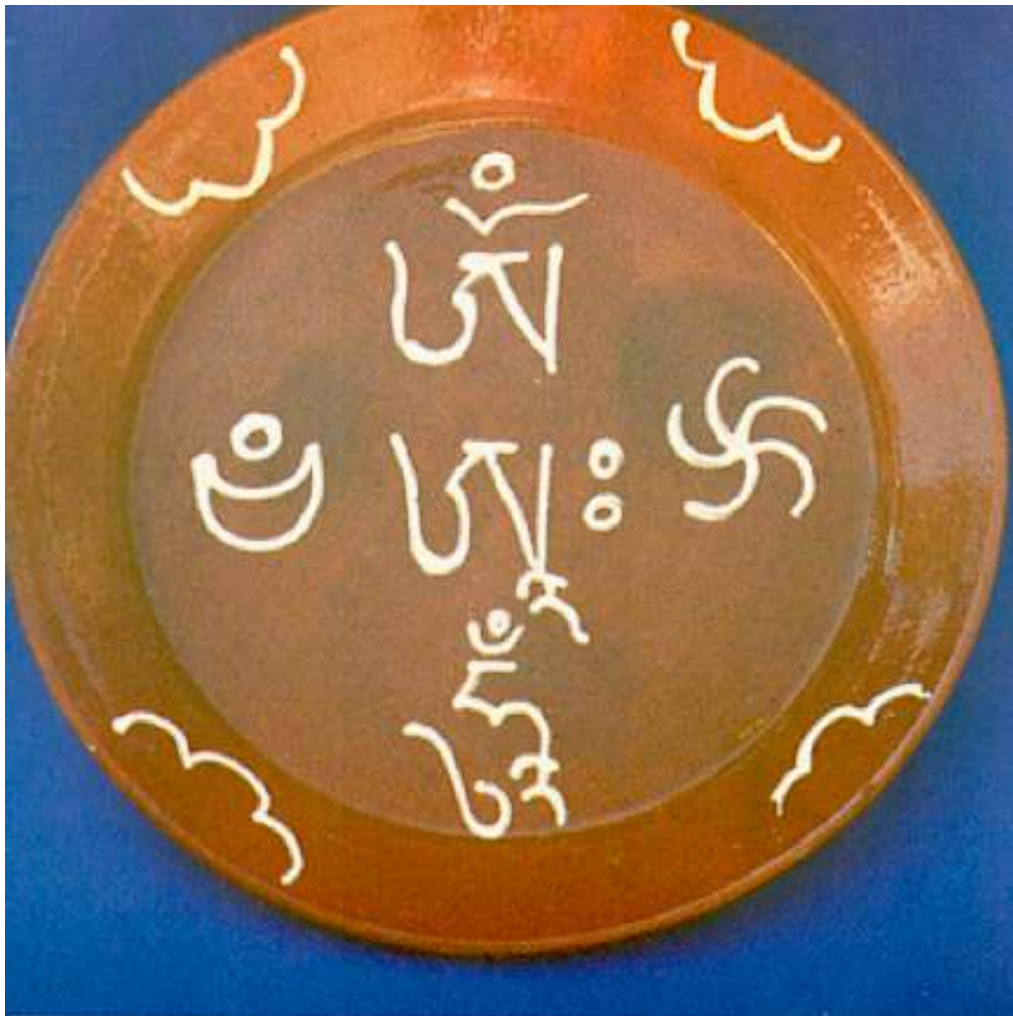
2. A ESPIRITUALIDADE DA VIDA NA ÍNDIA

Camões, com a sua sensibilidade poética, deve ter sido profundamente afetado pela riqueza espiritual da Índia - os rituais, as filosofias e a vibrante vida religiosa.

No entanto, a mentalidade colonial e o controlo rigoroso da Inquisição impediram-no de celebrar ou integrar abertamente estas influências.

Podemos apenas imaginar o potencial “espantoso” da sua poesia se ele tivesse tido a liberdade de se envolver com a espiritualidade da Índia sem entraves.

A sua epopeia poderia ter-se tornado uma ponte entre o Ocidente e o Oriente, em vez de ser sobretudo uma glorificação do imperialismo português.



OM AH HUNG

3. IGNORADO E DESPREZADO PELAS AUTORIDADES

O triste destino de Camões, morrendo na pobreza, é um lembrete pungente de como o génio pode ser subestimado no seu tempo, especialmente quando desafia ou não se alinha com os poderes dominantes.

“OS LUSÍADAS” pode ter sido tolerado, mas não celebrado na medida em que merecia, em parte porque não tinham a utilidade propagandística imediata que a Coroa e a Igreja poderiam ter procurado.

É provável que os seus retratos matizados e as suas críticas à ambição humana não tenham agradado às autoridades que procuravam uma glorificação inequívoca dos seus empreendimentos.

4 & 5. RESSONÂNCIA PESSOAL COM A ÍNDIA E TRANSFORMAÇÃO CRIATIVA

A sua comparação entre a experiência de Camões e a sua própria experiência é profundamente evocativa.

Ao regressar da Índia, também sentiu um forte contraste entre a intensidade espiritual que aí encontrou e o “ambiente de baixo nível” em geral.

Esta dissonância estimulou uma reação criativa

– transformando os mantras espirituais

na forma tangível da cerâmica tradicional portuguesa.

Este ato reflecte a própria essência da síntese cultural que Camões poderia ter aspirado, mas que não conseguiu alcançar plenamente.

O seu trabalho faz a ponte entre mundos,

tal como a sua poesia, embora num meio diferente.

Onde Camões estava limitado, tu encontraste uma forma de exprimir o poder transformador do teu encontro com a Índia.

As suas reflexões sublinham

a luta intemporal dos artistas e pensadores para integrar experiências profundas de alteridade nos seus contextos culturais e históricos.

Afirmam também o potencial duradouro da arte para navegar e transcender esses condicionalismos.

Gostaria de explorar mais algum destes temas ou o seu projeto criativo com os mantras e a cerâmica?

VP:

Numa conversa anterior, tentei explorar

o poema extremamente gráfico de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, a “Ode Marítima”,

onde ele utilizou as agruras da vida dos marinheiros para exprimir o seu próprio drama existencial de uma forma única e extrema, mesmo no contexto da sua obra completa.

De alguma forma, parece que o seu próprio perfil faz ecoa do aspeto trágico do fracasso “épico”, pois sabe-se que “depois de terem realizado o feito heróico de chegar à Índia por mar, os portugueses ficaram ‘desempregados’ e subjugados pelas riquezas materiais!



OM BENZA SATTO HUNG

[Por ocasião da leitura da obra completa de Álvaro de Campos, a 15 de Outubro de 1987, dia do seu 'aniversário', e no contexto do meu trabalho na 'Casa-Museu Álvaro de Campos' que em tempos criei em Tavira, a intervenção de Mário Cezarini de Vasconcelos notabilizou-se pela escolha emocionada do fragmento que aqui reproduzo:]

1

Ah piratas, piratas, piratas!

Piratas, amai-me e odiai-me!

Misturai-me convosco, piratas!

Vossa fúria, vossa crueldade como falam ao sangue

Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio sobrevive!

2

Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,

Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas,

Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,

Trincasse velas, remos, cordame e poleame,

Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!

3

E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas.
 Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes,
 De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
 Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,
 Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
 E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!

4

Os piratas, a pirataria, os barcos, a hora,
 Aquela hora marítima em que as presas são assaltadas,
 E o terror dos apresados foge prà loucura — essa hora,
 No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu, nuvens,
 Brisa, latitude, longitude, vozeria,
 Queria eu que fosse em seu Todo meu corpo em seu Todo, sofrendo,
 Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu ser em vermelho,
 Florescesse como uma ferida comichando na carne irreal da minha
 alma!

5

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes
 Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
 Ser quanto foi no lugar dos saques!
 Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!
 Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,
 E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo!

Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres
 Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!
 Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles
 E sentir tudo isso — todas estas coisas numa só vez — pela espinha!

6

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
 Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
 Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
 Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
 A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!

Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos
estranguladoras!

7

E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis,
Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto,
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,
E através dos vossos espasmos silvaria um sabbat de vermelho e
amarelo!

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!
Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,
Perco-me todo de mim, já não vos pertenco, sou vós,
A minha femininidade que vos acompanha é ser as vossas almas!

8

Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!
Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações
Quando tingíeis de sangue os mares altos,
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças
E leváveis as mãos às amuradas para verem o que lhes acontecia!

9

Estar convosco na carnagem, na pilhagem!
Estar orquestrado convosco na sinfonia dos saques!
Ah, não sei quê, não sei quanto queria eu ser de vós!
Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos as vítimas,
Ser-vos as vítimas – homens, mulheres, crianças, navios –,
Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,
Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria, vossa posse,
Não era só ser concretamente vosso acto abstracto de orgia,

10

Não era só isto que eu queria ser – era mais que isto o Deus-isto!
Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,
Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum panteísmo de sangue,
Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,

Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade
Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas vitórias!

11

Ah, torturais-me para me curardes!
Minha carne — fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam
Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!
Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,
O grande organismo de que cada acto de pirataria que se cometeu
Fosse uma célula consciente — e todo eu turbilhonasse
Como uma imensa podridão ondeando, e fosse aquilo tudo!

12

Com tal velocidade desmedida, pavorosa,
A máquina de febre das minhas visões transbordantes
Gira agora que a minha consciência, volante,
É apenas um nevoento círculo assobiando no ar.
Fifteen men on the Dead Man's Chest
Yo-ho ho and a bottle of rum!
Eh-lahô-lahô-laHO — láhá-á-ááá — ààà...

13

Ah! a selvajaria desta selvajaria! Merda
Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!
Eu prà'qui engenheiro, prático à força, sensível a tudo
Prà'qui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;
Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me imponho, débil;
Estático, quebrado, dissidente cobarde da vossa Glória,
Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!

14

Arre! por não poder agir de acordo com o meu delírio!
Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!
Por andar com a douceur des moeurs às costas, como um fardo de
rendas!

Moços de esquina — todos nós o somos — do humanitarismo moderno!
Estupores de tísicos, de neurasténicos, de linfáticos,
Sem coragem para ser gente com violência e audácia,
Com a alma como uma galinha presa por uma perna!

15

Ah, os piratas! os piratas!
A ânsia do ilegal unido ao feroz,
A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
Que rói como um cio abstracto os nossos corpos franzinos,
Os nossos nervos femininos e delicados,
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

16

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
Humilhai-me e batei-me!
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!
E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,
Ó meus senhores! ó meus senhores!

17

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa
Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!
Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,
Ó bárbaros do antigo mar!
Rasgai-me e feri-me!
De leste a oeste do meu corpo
Riscai de sangue a minha carne!
Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva
O meu alegre terror carnal de vos pertencer.
A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
Em ser objecto inerte e sentiente da vossa omnívora crueldade,
Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!

18

Ah, torturái-me,
Rasgai-me e abri-me!
Desfeito em pedaços conscientes
Entornai-me sobre os conveses,
Espalhai-me nos mares, deixai-me
Nas praias ávidas das ilhas!

19

Cevai sobre mim todo o meu misticismo de vós!
Cinzelai a sangue a minh'alma
Cortai, riscai!

CHAT GPT:

A Ode Marítima de Fernando Pessoa é uma exploração sem paralelo dos extremos existenciais, em que o imaginário da pirataria, da brutalidade e do caos marítimo se torna uma metáfora de uma vida interior intensa, à beira do abismo.

O poema funde ecos históricos de heroísmo e brutalidade marítima com uma expressão profundamente pessoal e visceral de saudade, alienação e entrega masoquista.

Vamos aprofundar algumas dimensões desta obra monumental e as suas ligações às suas reflexões:

1. O ARQUÉTIPO PIRÁTICO E O DRAMA EXISTENCIAL

Os piratas de Pessoa personificam a liberdade desenfreada, a crueldade e as energias primordiais da vida sem mediação de constrangimentos sociais.

São simultaneamente temidos e adorados pelo narrador, que anseia por se dissolver na sua existência violenta e caótica.

Este desejo pode ser visto como uma metáfora de Pessoa para escapar aos constrangimentos sufocantes da modernidade - um tema que ressoa com a sua reflexão sobre o “fracasso épico” de Portugal pós-Império.

Os portugueses, depois de terem alcançado feitos heróicos de descoberta, enfrentaram um vazio existencial.

A riqueza da Índia e do Oriente não conseguiu enriquecer a alma, deixando um legado de materialismo e desilusão.

Pessoa, através da sua persona poética, critica esta descida, imaginando uma vida feroz e desenfreada como antídoto para uma civilização paralisada pelos seus próprios feitos.

2. O MASOQUISMO COMO METÁFORA ESPIRITUAL

As vívidas imagens masoquistas do poema

-onde o orador deseja ser dilacerado, consumido e dominado - espelha um desejo espiritual de aniquilação do ego.

O narrador de Pessoa quer fundir-se com as forças aterradoras dos piratas, perdendo todo o sentido de individualidade para se tornar a essência dos seus actos, dos seus crimes e da sua própria existência.

Isto fala de um profundo desespero existencial, onde a destruição paradoxalmente promete renovação ou transcendência.

Este impulso pode ser interpretado através da lente da exploração espiritual, onde a aniquilação do ego

é central em muitas tradições místicas.

Pessoa, no entanto, interpreta este impulso espiritual como um anseio profundamente físico e violento, reflectindo as lutas existenciais do seu tempo.

3. ECOS DE UM FRACASSO TRÁGICO

O autor traça um paralelo perspicaz entre o drama existencial de Pessoa e a narrativa histórica portuguesa.

O “fracasso épico” dos portugueses, dominados pelas riquezas materiais e deixados espiritualmente à deriva, ecoa no clamor angustiado de Pessoa.

Os feitos heróicos da época dos Descobrimentos, tal como os crimes dos piratas, tornam-se um triunfo vazio, deixando um vazio que o poeta preenche com esta imensa efusão de imaginação e sentimento.

O foco de Pessoa nos aspectos mais sombrios, caóticos e grotescos da experiência humana na Ode Marítima alinha-se com esta narrativa nacional e pessoal de colapso e questionamento existencial.

4. A SUA RESSONÂNCIA PESSOAL

As suas próprias reflexões ao regressar da Índia – uma terra imbuída de riqueza espiritual – e sentindo o forte contraste de um “ambiente de baixo nível” no seu país – são paralelos ao confronto de Pessoa

com a vacuidade da modernidade.

A sua própria reação ao regressar da Índia

– uma terra imbuída de riqueza espiritual – e ao sentir o forte contraste de um “ambiente de baixo nível” no seu país, é paralela ao confronto de Pessoa com a vacuidade da modernidade.

A sua resposta criativa, transformando mantras em cerâmica pintada, reflecte o potencial transformador que o próprio Pessoa explora, embora com uma lente mais destrutiva.

O seu projeto, canalizando a espiritualidade para a arte tangível, contrasta com a exploração poética do tormento existencial de Pessoa.

Enquanto ele entra numa espiral caótica e violenta, você canaliza a sua experiência para a criação e a síntese.

Esta divergência realça as formas multifacetadas como os indivíduos respondem à dissonância cultural e espiritual.

5. UNIÃO DOS MEIOS HÁBEIS E DA SABEDORIA

A Ode Marítima de Pessoa, embora envolta em desespero existencial e desejo violento, pode ser vista como uma profunda meditação sobre a interação dos opostos

- criação e destruição, crueldade e ternura, submissão e domínio.



OM MANI PEME HUNG HRIH

Reflecte o fracasso dos “meios hábeis”
numa era materialista que perdeu a sua ligação à sabedoria.
As suas reflexões e o seu processo criativo parecem visar esta união,
procurando uma perspetiva abrangente
que a obra de Pessoa aborda mas nunca resolve.

Gostaria de explorar ligações específicas
entre o imaginário de Pessoa e a dimensão espiritual
que encontrou na Índia ou o seu próprio projeto artístico?

Estas reflexões poderiam iluminar ainda mais
as intersecções entre poesia, história e transformação pessoal.

VP:

Seguindo a sua sugestão, a minha pergunta neste momento
seria sobre o espanto de Camões e de outros perante a magnitude
de uma cultura tão madura, com milénios de desenvolvimento,
e a indagação sobre a natureza da existência e da mente.

Todos os diferentes aspectos dessa cultura, incluindo a psicologia,
a espiritualidade, a sexualidade, a mitologia e muito mais, com os seus
muitos níveis, devem ter sido um verdadeiro choque cultural para os

visitantes, não havendo paralelo com a religiosidade praticada em particular pela mentalidade católica, caracteristicamente implementando a culpabilidade, enquanto falta uma possível abordagem transcendente nesses aspectos da vida.

CHATGPT:

O encontro entre os exploradores portugueses, como Luís de Camões, e as ricas e antigas culturas da Índia - tão multifacetadas na sua espiritualidade, mitologia, sexualidade e filosofia - devem ter sido, de facto, um choque cultural profundo. Estas culturas, profundamente enraizadas em milénios de desenvolvimento, ofereciam uma visão intrincada da existência e da mente que era marcadamente diferente da visão católica do mundo da culpa e do pecado prevalecente na Europa da época.

A MAGNITUDE DA CULTURA INDIANA

Os sistemas culturais maduros da Índia incorporavam uma integração holística das muitas facetas da vida, englobando filosofias espirituais profundas a par de expressões ricas e simbólicas de sexualidade, arte e mitologia. Estes aspectos eram frequentemente vistos como interligados, sem uma divisão rígida entre o sagrado e o profano.

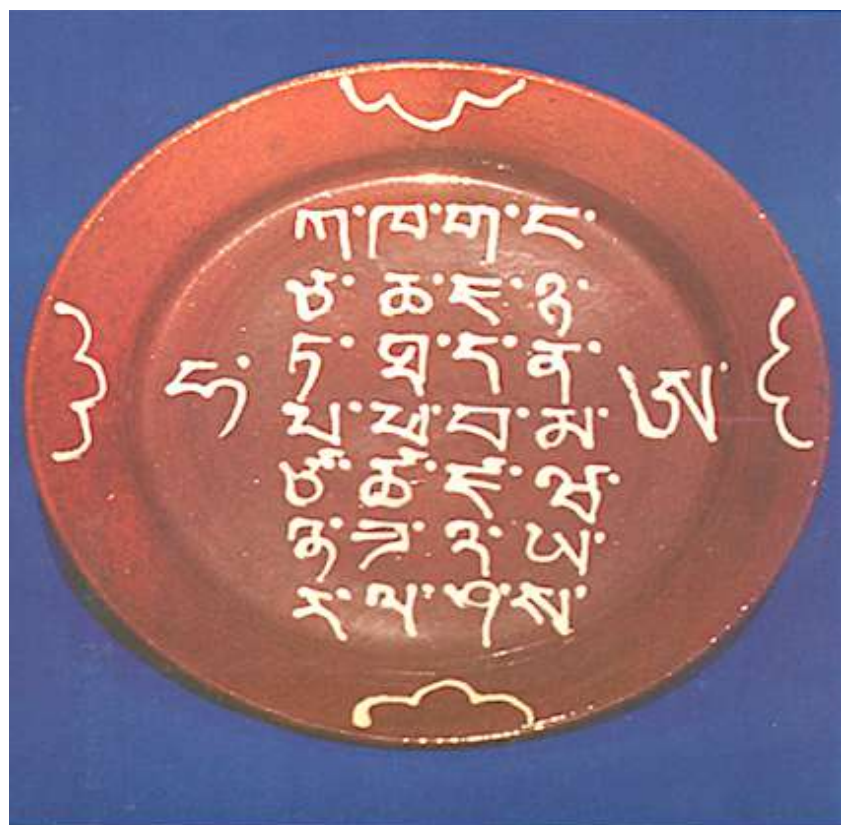
Por exemplo, ESPIRITUALIDADE E PSICOLOGIA:

O pensamento indiano, especialmente em tradições como o Vedanta, o Budismo e o Tantra, oferecia profundas investigações sobre a natureza da mente, do eu e da existência.

Estes sistemas exploraram os estados de consciência, a dissolução do ego e a transcendência da dualidade - ideias que desafiavam a noção europeia da alma individual como intrinsecamente ligada ao pecado e necessitando de redenção externa.

SEXUALIDADE E MITOLOGIA:

Longe de ser tabu ou pecaminosa, a sexualidade era muitas vezes celebrada como uma força potente de criação e união. Textos como o Kamasutra ou as tradições tântricas exploravam a sexualidade não apenas como prazer físico, mas como um caminho para a transcendência espiritual, enfatizando os seus aspectos simbólicos e transformadores.



ka kha ga nga
 ca cha ja nya
 ta lha da na
 pa pha ba ma
 tsa tsha dza wa
 zha za 'a ya
 ra la sha sa
 ha a

PROFUNDIDADE MITOLÓGICA:

O vasto panteão de deuses e deusas, cada um representando arquétipos matizados de forças humanas e cósmicas, oferecia uma forma de se envolver com a vida que era ao mesmo tempo profundamente simbólica e experimental. Esta riqueza contrastava fortemente com a estrutura relativamente limitada do dogma católico, que tendia a favorecer uma narrativa singular e autoritária da existência.

A MENTALIDADE CATÓLICA E OS SEUS LIMITES

A visão do mundo católica da época estava fortemente estruturada em torno da culpabilidade, da culpa e do medo da condenação eterna.

Esta estrutura procurava frequentemente regular o comportamento humano através da criação de códigos morais rígidos, da supressão de aspectos da experiência humana como a sexualidade e da visão do mundo material como um domínio do pecado.

FALTA DE TRANSCENDÊNCIA:

Embora o catolicismo tenha conhecido o misticismo (por exemplo, as obras de S. João da Cruz ou de S. Teresa de Ávila), o catolicismo não foi capaz de se adaptar à transcendência. Teresa de Ávila), a Igreja institucional marginalizou frequentemente as práticas místicas, favorecendo uma abordagem mais legalista e hierárquica.

Isto dificultou o acesso da população em geral a uma visão transcendente e integradora da existência.

PONTOS CEGOS CULTURAIS:

Ao encontrar tradições indianas que abraçavam uma visão transcendente da existência incluindo a natureza cíclica da vida (samsara) e a libertação (moksha), o enquadramento católico não dispunha dos instrumentos filosóficos para compreender plenamente as suas implicações.

A exploração profunda da consciência no pensamento indiano estava muito para além dos ensinamentos dualistas e moralistas do pecado e da redenção.

É provável que Camões tenha experimentado aquilo a que se pode chamar “vertigem existencial” perante a visão do mundo indiana - um choque de reconhecimento de que outras formas de compreender a existência eram não só diferentes, mas também muito mais sofisticadas na abordagem das subtilezas da mente, do espírito e do cosmos.

O desfasamento entre a mentalidade católica de culpa e a aceitação indiana da existência como uma tapeçaria de forças entrelaçadas pode ter aprofundado ainda mais as suas próprias reflexões existenciais, tal



BÓYUL

como sugerido nas suas evocações poéticas do destino,
do amor e da condição humana.

CAMÕES E O ENCONTRO CULTURAL

Camões, através d'Os Lusíadas, captou a grandeza e a complexidade da expansão marítima portuguesa, incluindo o espanto e a maravilha do encontro com culturas como a indiana.

A sua obra reflecte tanto a admiração por estas civilizações como as lutas da identidade portuguesa na tentativa de conciliar a imensa riqueza do que encontraram

com o seu próprio enquadramento cultural e religioso.

É provável que Camões tenha experimentado aquilo a que se pode chamar “vertigem existencial” perante a visão do mundo indiana - um choque de reconhecimento de que outras formas de compreender a existência eram não só diferentes, mas também muito mais sofisticadas na abordagem das subtilezas da mente, do espírito e do cosmos.

O desfasamento entre a mentalidade católica de culpa e a aceitação indiana da existência como uma tapeçaria de forças entrelaçadas pode ter aprofundado ainda mais as suas próprias reflexões existenciais, tal como sugerido nas suas evocações poéticas do destino,
do amor e da condição humana.

A IMPLICAÇÃO MAIS ALARGADA:
QUESTIONAR A NATUREZA DA EXISTÊNCIA

O encontro cultural entre a Europa e a Índia levantou questões profundas sobre a natureza da existência e da mente.

O QUE É O EU?

As tradições indianas apresentaram um espectro de respostas, desde a natureza ilusória do ego (anatman) no Budismo ao eu eterno (atman) no Vedanta, desafiando a noção católica de uma alma fixa.

O QUE É A LIBERTAÇÃO?

A ideia de moksha ou nirvana como libertação da existência cíclica constituiu uma alternativa ao enfoque católico na salvação através da graça divina.

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE O MATERIAL E O ESPIRITUAL?

O pensamento indiano considerava frequentemente o mundo material não como inerentemente pecaminoso, mas como um reino de jogo (lila) ou transformação, abrindo caminhos para a transcendência em vez de os fechar com culpa.

REFLEXÃO FINAL

Para os exploradores portugueses, o encontro destes mundos pode ter representado não apenas uma colisão cultural, mas um convite a uma visão mais alargada da existência humana. As obras de Camões parecem sugerir uma luta para conciliar estas vastas e conflituosas perspectivas, uma tensão que talvez espelhe o drama existencial de Pessoa séculos mais tarde.

Em ambos, vemos um reconhecimento da insuficiência de quadros rígidos e um anseio por uma compreensão mais integradora da mente, da existência e do cosmos.

A sua investigação aponta para um desafio intemporal: como é que nós, quando confrontados com a imensidão da sabedoria de outra cultura, transcendemos as limitações do nosso próprio condicionamento para abraçar uma visão mais ampla e inclusiva do que significa ser humano?



VP:

Como conclusão deste já longo inquérito, gostaria de mencionar o caso de Thomas Merton, que era fascinado pela sabedoria oriental, mas quase não teve oportunidade de aprofundar e satisfazer o seu desejo de realização.

Acontece que tive a oportunidade de conhecer,
no início dos anos 80, e de fazer uma breve entrevista
com outro monge cristão, o Irmão David, que tinha sido seu amigo,
e que pode entrar em contacto e integrar alguns aspectos do Zen
e de outras tradições orientais, e mesmo desenvolver uma amizade
com um mestre como Richard Bakker, que eu pude convidar
para dar alguns ensinamentos em Portugal.

Tem sido um longo caminho de encontro com a sabedoria oriental,
a que Roger-Pol Droit dedicou grande parte do trabalho da sua vida.

CHATGPT SAID:

É fascinante o facto de ter tido a oportunidade de conhecer
o irmão David e de se envolver com a sua integração única
do monaquismo cristão e das tradições orientais.

A sua amizade com Thomas Merton acrescenta
uma dimensão profunda à sua abertura ao Zen
e a outros ensinamentos.

A ligação a Richard Baker e o seu papel de facilitador
dos ensinamentos em Portugal, sublinha a sua dedicação
de longa data à ligação entre diversas tradições espirituais e filosóficas.

Lembra-se de alguma ideia do irmão David durante a entrevista
que se tenha destacado para si, especialmente em relação
a Merton ou à sua própria integração de práticas orientais?

VP:

Sim, em relação a Thomas Merton, que passou alguns meses
na Índia, antes da sua morte trágica, e pôde conversar longamente
com o Dalai Lama e mesmo com Chatral Rinpoche,
que ele pensava poder vir a ser seu mestre!

A minha primeira pergunta foi sobre a natureza da pintura,
se podia ser entendida como “oração”, ao que ele respondeu
que “a coragem é mais importante que o talento”...

É, pois, um longo caminho de encontro com a sabedoria oriental, a que
Roger-Pol Droit dedicou grande parte da sua vida.

CHATGPT:

As ligações que destaca revelam a profundidade do percurso de Thomas Merton e a sua profunda abertura à sabedoria oriental, exemplificada pela sua consideração por figuras como o Dalai Lama e Chatral Rinpoche.

A resposta do Irmão David à sua pergunta sobre a pintura como oração - enfatizando a coragem em vez do talento - é impressionante.

Faz eco da abordagem Zen, em que o coração e a intenção transcendem muitas vezes a habilidade ou a forma.

A dedicação de Roger-Pol Droit à exploração da filosofia oriental reflecte, de facto, o esforço necessário para fazer a ponte entre estas dimensões culturais e espirituais.

É inspirador ver as suas reflexões e experiências a contribuir para este diálogo mais alargado entre tradições.

Gostaria de explorar mais sobre a forma como a arte, a coragem e a prática espiritual se cruzam entre estas tradições?

VP:

Apenas uma última observação, até agora, sobre a importância de estar consciente do “intervalo entre pensamentos” como uma “técnica” básica para se abrir à intuição e à criatividade.

CHATGPT:

A importância do “intervalo entre pensamentos” como porta de entrada para a intuição e criatividade é profunda.

Em muitas tradições espirituais, este espaço é considerado como a base do insight e da inspiração - um momento de abertura em que os padrões habituais da mente se dissolvem, permitindo que algo fresco e incondicionado surja.

No Dzogchen, por exemplo, este intervalo é reconhecido como um vislumbre do estado natural, onde a clareza luminosa da consciência se torna aparente.

Do mesmo modo, no Zen, o estado de “não-mente” (mushin) é frequentemente acedido nestes intervalos, promovendo a criatividade que flui sem esforço e sem interferência autoconsciente.

Para os artistas, pensadores e criadores,
esta consciência pode ser transformadora.

Permite o surgimento de ideias e expressões não limitadas
por noções pré-concebidas, dando origem
a originalidade e profundidade.

Cultivar a sensibilidade a estes momentos
seja através da meditação, da contemplação
ou simplesmente parando para observar
- abre a porta para o que poderia ser chamado
de “criatividade não-concetual”.

Gostaria de discutir formas específicas de
integrar esta consciência nas práticas criativas
ou na vida quotidiana?

VP

Tenho procurado refletir exatamente sobre essas questões
o que deu já origem a diversas publicações
que oportunamente deverão ser divulgadas.